

POPULAÇÃO DE RUA

Em meados de outubro, os sem-teto já ocupam os canteiros da capital a fim de pedir esmolas. Muitos são provenientes do Entorno, mas há também pessoas de outros estados, que veem na mendicância em Brasília uma forma de ganhar mais dinheiro do que com o trabalho

Fotos: Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Barracos de lona na altura da Quadra 116 Norte, às margens do Eixinho: seis famílias estão no local



Em frente ao Hran, mais moradias improvisadas: para os sem-teto, os moradores de Brasília são "ricos e solidários"

Temporada de invasões

» SAULO ARAÚJO

O fim do ano se aproxima e os canteiros de Brasília começam a ser tomados por moradores de rua. Na altura da 116 Norte, às margens do Eixinho, seis famílias vivem em barracos de lona. Oriundas do Entorno e até da Bahia, vieram na esperança de conseguir dinheiro, alimentos e brinquedos para as crianças. Apesar da repressão do governo, insistem em permanecer no local.

A migração de pessoas carentes para áreas nobres da capital em datas especiais é uma tendência natural. A maioria tem casa própria, mas aproveita o período para conseguir um dinheiro extra com doações. É o caso de Guilhermina Maria da Conceição, 44 anos. Ela e o marido saíram de Barreiras (BA), há quatro meses, e só pretendem voltar após o Natal. Esta é a segunda vez que o casal escolhe a capital do país para pedir esmolas.

Na terra natal, Guilhermina trabalhava de diarista. O marido era ajudante de pedreiro. Ela confessa que lucra bem mais com a mendicância em Brasília do que trabalhando na Bahia. "Lá (Bahia), eles pagam muito pouco. A gente vem para cá porque as pessoas são mais ricas e mais solidárias. Sem contar que sempre conseguimos juntar dinheiro para pagar as contas atrasadas", contou Guilhermina.

A moradia improvisada dela já foi derrubada oito vezes pela Secretaria de Ordem Pública Social (Seops), mas ela diz que não voltará para casa antes do Natal. O desempregado Alexandre Sales, 27 anos, também escolheu a rua para morar com a esposa e as duas filhas, de 2 e 5 anos, mas ele garante não ter tido opção. Antes de erguer uma edificação de papelão, plástico e pedaços de pau no fim da Asa Norte, ele tinha emprego e morava de aluguel em Planaltina de Goiás.

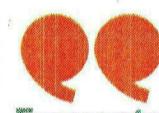
Alexandre foi demitido e, após dois meses em dívida com o dono do imóvel, acabou despejado. "Como não tinha para onde ir, preferi morar na rua aqui no Plano (Piloto) do que lá em Brasiliinha. Mas não pretendo ficar muito tempo nessa vida, não", afirmou. Brasiliinha é o nome popular de Planaltina de Goiás.

Muitas famílias já se especializaram em pedir em datas festivas. Até domingo, pelo menos quatro famílias ocupavam o gramado próximo à Ponte do Bragueto, também na Asa Norte. Elas passaram a semana do Dia das Crianças para arrecadar brinquedos, roupas e cestas básicas. No domingo, desocuparam o local, deixando muita sujeira.

Para comover motoristas e moradores dispostos a ajudar, as famílias geralmente posicionam carrinhos de bebê na



Alexandre Sales perdeu o emprego, não conseguiu pagar o aluguel em Planaltina de Goiás e vive com a família na rua: "Não quero ficar muito tempo"



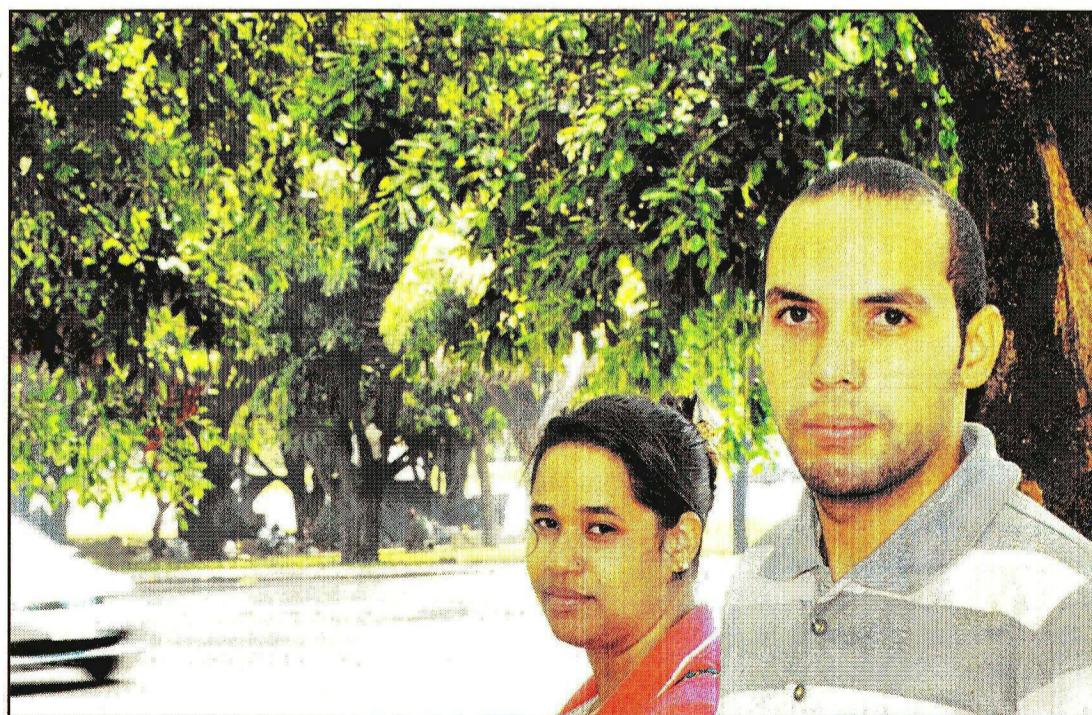
Enquanto existir oferta, a demanda de moradores de rua vai permanecer alta. Nós fazemos nossa parte quando somos acionados, mas erradicar esse problema de vez depende de toda a sociedade"

Carlos Chagas de Alencar, major da Seops

Benefícios

Quando chega o fim do ano, o número de moradores de rua no Distrito Federal aumenta cerca de 50%. A grande maioria tem residência própria, mas apostou na solidariedade do brasiliense para ganhar dinheiro, cestas básicas e brinquedos para os filhos. A Sedest oferece benefícios para quem é de outro estado, como custear a passagem de volta, mas muitas famílias preferem ficar na rua.

Para comover motoristas e



A professora Ideane e o barbeiro Carlos Henrique temem que criminosos se fingam de mendigos para assaltar

entrada dos barracos. Na área verde às margens do Eixão, em frente ao Hospital Regional da Norte (Hran), apesar de não haver crianças nas moradias improvisadas, dois carrinhos estavam à mostra. "As pessoas têm o coração muito grande e acabam ajudando. Mas todas têm de entender que dar esmolas só piora as coisas. Existem muitas instituições sérias e que necessitam de apoio. O governo deveria criar uma campanha para incentivar as pessoas a doarem a essas entidades. Seria mais eficiente", afirmou a servidora pública Maria do Rosário Feitosa, 54 anos.

Perigo

A presença dos moradores de rua incomoda quem reside e trabalha na Asa Norte. O barbeiro Carlos Henrique Fonseca, 22 anos, reclama do frequente uso de drogas. "Nunca fizeram nada comigo, mas você pode esperar tudo de alguém que passou o dia fumando crack", teme.

Amiga dele, a professora Ideane Lemos, 29 anos, também sente-se insegura com o crescimento da população de rua. "Além do aspecto visual, tem o fato de você não saber quem são essas pessoas. Lógico que a maioria é de bem, mas algumas se passam

por moradoras de rua para cometer crimes", destaca.

O último levantamento divulgado pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (Sedest) aponta que mais de 2 mil pessoas vivem em situação de rua na capital do país. Entre elas, 38,2% estão no Plano Piloto. Desses, 37,3% se encontram na região central. A Asa Norte concentra 38,3% e a Asa Sul, 24,4%. Taguatinga têm 19,9% dos sem-teto e é seguida por Ceilândia (9,7%) e pelo Núcleo Bandeirante (2,1%). A reportagem do Correio entrou em contato com a Sedest, mas, até o fechamento desta edição, ninguém da pasta havia respondido.



"Moro há 40 anos na 114 Norte e já vi coisas absurdas na minha quadra. Já presenciei moradores de rua bêbados fazendo sexo explícito e usando drogas. É uma situação muito constrangedora para quem tem família. Sem contar que ficamos mais expostos à violência, pois, entre eles, há algumas pessoas mal-intencionadas. De forma alguma estou sendo preconceituosa, pois entendo que essa população vive em situação de risco. Só acho que o governo deveria implementar políticas sociais mais sérias para evitar situações como essas"

Branca Rosa Sena, 59 anos, analista em patologia clínica